A MAIS COMPLETA REVI[illegible]A DO PAÍS

PRI[illegible]E

R$ 2,60

REVISTA MENSAL
ANO XI - Nº 117

A ESCOLHA É SUA:
SÃO CENTENAS DE LEITORES LOUCOS PARA TRANSAR. APROVEITE!

DOTES
POR QUE ENTRAR EM FRIA, SE AS FOTOS ESTÃO AÍ, NO CLOSE, JUSTAMENTE PARA NÃO DEIXAR DÚVIDA?!

E MAIS:
TRÊS LINDAS MODELOS, PARA OS MACHÕES SE DELICIAREM; AS EXPERIÊNCIAS DO DIÁRIO SEXUAL; E, AINDA, AS CARTAS DA TRIBUNA DO LEITOR

PROIBIDA A MENORES DE 18 ANOS

A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS

PRIVATE

EDITORIAL

Finalmente, dez meses depois, na próxima semana estará nas bancas a PRIVATE ESPECIAL DO LEITOR nº 11. Essa edição trará quase 500 propostas para transas, sendo mais da metade ilustradas com fotos cheias de tesão, uma quarta parte delas em cores. Além disso, o leitor encontrará 12 páginas contendo relatos do "Diário Sexual", histórias carregadas de muita malícia e erotismo, contadas por quem as viveu. Portanto, se você enviou seu anúncio obedecendo às normas de publicação e está cansado de esperá-lo, certamente vai dar de cara com ele nessa edição especial. Reserve, desde já, o seu exemplar com o jornaleiro.

4, 33 e 38 GAROTAS
Ensaios coloridos com modelos pra lá de gostosas, capazes de virar a cabeça do mais fiel dos maridos

8 DIÁRIO SEXUAL
Nas páginas desta seção, os leitores relatam experiências sexuais muito loucas, as quais viveram em carne e osso

16 TRIBUNA DO LEITOR
Você pode melhorar a PRIVATE: use este espaço para dar sugestões e fazer críticas construtivas. De repente...

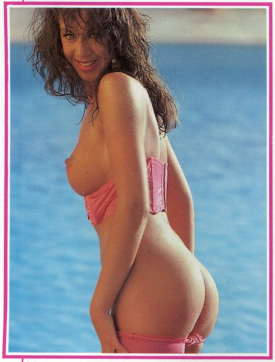
23 CORREIO CONFIDENCIAL
Duvidamos que alguém, por mais esdrúxula que seja a sua fantasia, não encontre, no "Correio", um(a) parceiro(a) para pô-la em prática

43 LEITORES EM CLOSE
Se o interessado no anunciante tiver problema de tamanho do órgão, para mais ou para menos, aqui é o lugar certo para escolhê-lo. As fotos não mentem jamais!

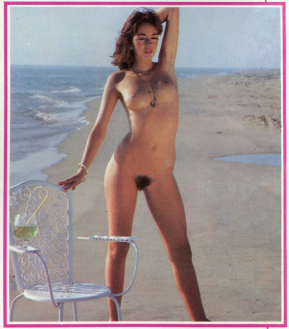
1994 - OUTUBRO
REVISTA MENSAL
ANO XI - Nº 117

NIK

KIN

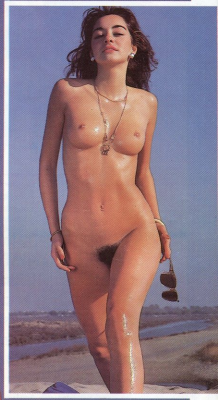


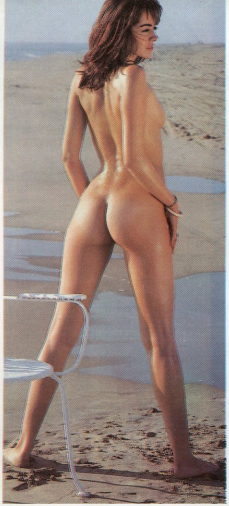
ODESSA



ODESSA

Nascida na mata, em meio ao verde e os rugidos da floresta, esta gata veio do Pantanal e logo seduziu os caiçaras do Litoral Sul paulista, com a chama selvagem que arde em seu corpo





DIÁRIO SEXUAL

o espaço da transa inesquecível

BELEZA DE VIZINHA

Eu tinha acabado de completar 17 anos quando tive a minha primeira relação sexual com mulher. Até então só havia comido algum veado, e diariamente a tradicional masturbação. Morava com minha família num bairro isolado da cidade, e próximo somente de uma vila. Nesse bairro só havia uma residência que possuía telefone, onde morava um casal sozinho. As filhas moravam em Porto Alegre. Durante o dia, o marido ia para o trabalho e a mulher, que chamava-se Maria, ficava sozinha fazendo as lides de casa.

Maria era uma mulher grandalhona, gorda, que deveria ter os seus 55 anos, mas apesar disso, era uma mulher que possuía as formas do corpo em dia; a bunda era grande e bem redonda, as pernas bem torneadas, realmente uma coroa bem enxuta, com tudo no seu devido lugar. Não nego que algumas vezes me masturbei pensando nela, pois de vez em quando ela ia até a casa de meus pais, pois existia uma boa amizade entre as famílias. Ela possuía um jeito autoritário, e naquele conjunto residencial, parecia que aquela família era a de melhor situação financeira. Eram os únicos que possuíam telefone e televisão.

Num determinado dia, minha mãe me solicitou que fosse até a residência de Maria, para telefonar para uma tia minha. Era uma tarde de primavera, eu estava de calção, pois ia jogar o meu futebolzinho, mas prontamente me dirigi para a residência dela. Chegando lá, toquei a campainha como de costume. Ela veio me atender bem maquiada, e com uma camisola bem comprida de seda. Disse a ela que tinha vindo telefonar a pedido de minha mãe; ela prontamente mandou que eu entrasse. O telefone na época era aquele de manivela, tinha que solicitar a ligação para a telefonista, e eu realmente não sabia como manusear, não sabia se tinha que tirar o telefone do gancho para tocar a manivela, ou se deixava o telefone. Quando eu cheguei, senti algo diferente no olhar e na reação dela, mas tudo bem. Solicitei que me fizesse a ligação. O telefone ficava num canto aguardando ligação. Ela chegou bem pertinho de mim e pude sentir o seu perfume e observar melhor suas formas. Tentou a ligação, mas rapidamente desligou, disse que eu tinha que aguardar um pouco, pois a linhas estavam ocupadas. Convidou-me para passar para um outro canto da casa, pois estava escolhendo um discos, e iria receber umas amigas.

Começou a escolher os discos que estavam sobre a mesa. Fiquei encostado ali. De vez em quando ela se curvava e eu olhava através do decote seus seios. Ela percebia e procurava mostrar mais, e de repente ela forçou a passagem entre eu e a mesa, chegou até meio roçar a bunda em mim, mas eu prontamente me afastei. Ela perguntou se eu estava com medo dela. Respondi que não, e ela me disse que era melhor assim.

A essa altura dos acontecimentos, eu não tinha entendido nada, nem me passava pela cabeça que uma senhora daquela pudesse querer alguma coisa com um garotão como eu, e naquela época, muito menos. Eu solicitei a ela que fizesse uma nova chamada. Ela me convidou para irmos até o telefone para tentar novamente. Coloquei-me no lugar que eu sempre ficava; ela pegou o telefone e começou a fazer a ligação. Nesse momento ela virou de costas e começou a se esfregar em mim e a me apertar contra a parede. Tentei me desvencilhar, aquela tradicional reação que ocorre na gente em frações de segundo, mas pensei essa coroa está mesmo é querendo chumbo, vou em frente. Ela me passou o telefone e eu pude falar com minha tia, que do outro lado da linha notou que a minha voz estava embaraçada, e respondi que eu tinha vindo correndo.

Terminei de fazer a ligação e Maria disse.

— Não te preocupa, te acalma, que tudo tem a primeira vez na vida.

Senti firmeza nessas palavras dela, e já que estava a fim mesmo, pensei comigo, vou em frente, vamos ver o que vai acontecer. Dona Maria me pegou pelo braço e disse:

— Vamos passar ali para a sala, quero conversar um pouco contigo.

A essa altura eu fazia qualquer coisa. Ao passarmos para a sala, Maria sentou-se no sofá e pediu que eu fizesse o mesmo. Sentamos, ela cruzou as pernas e eu olhei aquelas coxas gordas, mas ainda lisas. Ela começou a me contar que um dia o ônibus estava lotado, e eu passei para descer e me esfreguei nela, e ela pôde sentir o volume do meu cacete. Realmente não só eu mas a turma toda usava essa prática no ônibus, e eu, como sempre gostei de coroas, procurava sempre elas para fazer o esfrega-esfrega; algumas gostavam e outras saíam fora, mas realmente Maria havia aceitado no dia em que eu tentei.

Sentamos juntos e ela logo começou a pegar no meu cacete, que ficou duro como um tijolo. Ela realmente era uma mestra na arte. Começou a esfregar a mão e a me dizer coisas no ouvido. Eu já estava louco, pois nunca tinha sentido realmente uma mulher. Ela pegou minha mão e colocou em suas pernas, e comecei a acariciar aqueles coxões. De repente, pediu que ficasse em pé. Baixou o meu calção e saltou o meu cacete duro e reto em sua direção, exclamando:

— Realmente, é um belo dote, acho até que é meio descomunal, o que eu havia sentido dentro do ônibus está correspondendo.

Confessou que desde o dia do roça-roça dentro do ônibus tinha jurado que um dia ia possuir o meu cacetão, e o dia chegou; quem busca encontra.

Maria começou a me masturbar e me chupar. Que boca, que língua maravilhosa, parecia que ia engolir tudo, mas não conseguia, devido às proporções. Fazia de tudo que se possa imaginar com a boca e a língua. Eu já estava quase gozando, quando o relógio tocou as horas. Ela parou e me disse que não íamos poder continuar, pois estava esperando visitas. Marcou para o dia seguinte, no mesmo horário.

Saí da casa de Maria e fui direto para minha casa fazer um punheta bem caprichada, pois estava que não agüentava mais. Nunca me esqueci daquela punheta. Gozei como nunca, e à noite repeti a dose. Fui para a escola e não consegui me concentrar. Tive vontade de ir ao banheiro da escola, fazer mais uma punheta, tal era o tesão, mas achei que não valia a pena, o importante era aguardar.

À tarde, na hora combinada, avisei em casa que ia jogar bola, peguei o uniforme e fui direto para a casa dela. Ela estava me esperando, com a mesma camisola, e uma sandália de saltos bem altos, o que a deixava mais sexy. Entrei, fechamos o portão e iniciamos um longo abraço e beijo. Ela me confessou que estava ansiosa, que também o tempo parecia que não passava. Pedi para tomar um banho. Ela me atendeu e pediu para me assistir.

Saí do banho e ela vez questão de me secar, o que o fez com todo o carinho. Fomos para o quarto, que estava somente com a luz de cabeceira acesa, deitei na cama totalmente nu e pedi para Maria fazer um desfile para mim. Ela andou e ficou somente de calcinhas pretas e sandália, caminhando na volta da cama. Eu já não agüentava, parecia que o meu cacete ia estourar. Levantei, comecei a abraçá-la e beijá-la novamente, aí eu pude sentir aquele corpaço. Chupei as tetas e coloquei o cacete no meio das pernas, o que com o nylon da calcinha me despertava um tesão enorme. Deitamos na cama e começou novamente o arreto.

Ela começou a me chupar, beijava a minha virilha, parecia que ia comer os pentelhos, lambia o saco, e gemia demais. Em seguida, deitou ao meu lado e disse:

— Sou toda tua, abaixa as minhas calcinhas e me fode.

Baixei as calcinhas e fiquei admirando sua boceta: era bastante pentelhuda, lábios avermelhados e grandes, e estava inchada, talvez fosse do arreto. Confuso, pois até aquele momento não conhecia uma boceta, confessei que nunca tinha trepado com uma mulher. Ela disse que me ensinaria tudo o que poderia ou não fazer um homem e uma mulher.

Maria colocou a mão em sua xota, abriu com os dedos, um lábio para cada lado, e me mostrou, segurando entre os dedos, dizendo:

— Isso aqui é o meu grelo, um dia vou te ensinar a chupá-lo.

Pediu novamente que a possuísse. Cheguei mais perto, pegou o meu cacete e colocou a cabeçorra dentro da xota. Senti o calor e umidade da gruta pela primeira vez. Ela ordenou:

— Enfia tudo, não deixa nada de fora, quero esconder esse cacete, que a partir de hoje vai ser só meu, enfia até o saco.

Foi o que fiz. Enfiei tudo; Maria me puxou, me abracou, e começou a dizer coisas em meu ouvido. Eu estava quieto, sem um movimento, e ela começou a enfiar a língua em minha orelha, o que me deixou mais louco, e pediu que eu fizesse o mesmo. Maria então começou a mexer, dizendo que estava gozando pela segunda vez, então comecei a foder, no início meio desajeitado, mas logo em seguida peguei o ritmo. Maria já estava exausta, já tinha gozado várias vezes e eu nada; a primeira vez sempre é difícil, mas Maria era uma mulher muito experiente. Pediu para eu parar um pouco, sair de cima dela, depois para eu me deitar que ela viria por cima. Pegou o meu cacete e veio por cima enfiando tudo novamente e começou a mexer e a esfregar a barriga dela na minha, pedindo para eu mamar suas tetas. Não deu outra, gozei como nunca tinha gozado. Maria sentiu que eu estava gozando e gozou novamente. Confessou que há muito gempo o marido dela não trepava mais, e ela tinha uma vontade imensa de foder.

Tomamos um banho juntos, ficamos um lavando o outro. Eu já estava com o cacete duro novamente. Maria me convidou para dar outra trepada, mas dessa vez fui por cima e estava descontraído. Gozei fácil e rápido. Combinamos de repetir a dose, o que aconteceu por dias seguidos. Passado algum tempo, combinamos que ela pediria para os meus pais para vir pousar em sua casa, pois o seu esposo teria que viajar e ela ficaria em casa sozinha. Eu ficaria em sua companhia. Meus pais concordaram.

Na primeira noite, cheguei lá, tomei banho, jantei e fui ver televisão, pois para mim era novidade. Lá em casa não tinha. Durante o tempo que estávamos assistindo televisão, ficávamos no arreto, ela só de calcinha e sandálias, me beijando e chupando o meu cacete, até que não agüentamos mais e fomos trepar. Disse que tinha um presente para mim, mas que queria retribuição. Concordei. Chegando no quarto, Maria pediu que baixasse sua calcinha, o que sempre fazia, e começou o arreto novamente. Eu estava curioso. Pediu para eu descer da cama e ficar em pé. Ela pegou um pote com creme, lubrificou a cabeçorra do cacete, e se ajoelhou na beira da cama, dizendo que ali estava o meu presente, um cuzinho virgem para eu comer. Realmente, quando ela se colocou naquela posição e ficou à minha disposição, aquele enorme bundão, aquele cu rosado liso, não me contive, me abaixei e enfiei a língua.

Ela rebolava e dizia coisas que eu não entendia; eu tinha vontade de chupar a boceta de Maria, ela enfiava os dedos e puxava aquele enorme grêlo. Não me contive e comecei a chupar aquela xota. Maria abriu com os dedos e eu segurei com os lábios o grelo e comecei a atirar para um lado e outro. Maria pediu que enfiasse o dedo no seu cuzinho, o que fiz. Já não agüentando mais, comecei a colocar no cu de Maria. No início, ela gemia, mas aos poucos foi se acostumando e gostando, até que enfiei todo o cacete. Em seguida, entrei em gozo profundo.

O tempo foi passando e nós sempre juntos, não passava semana sem que trepássemos várias vezes. Passados alguns anos, o esposo de Maria se aposentou, e eles acabaram se transferindo para Porto Alegre. Nunca mais a vi, mas às vezes fico pensando e recordando, e chego a sentir saudades.

Carlos, Pelotas, RS.

UM ACAMPAMENTO ESPECIAL

Sempre gostei muito de acampar. Quando surge uma oportunidade, procuro uns amigos e partimos. Mas, em uma ocasião, nenhum amigo pôde ir junto a uma cidade vizinha. A solução foi mesmo apelar para o meu irmão mais velho, que tem uma namorada muito bonita, morena, magrinha e muito sensual.

Acontece que a família dela ficou desconfiada, mas para não proibí-la de sair, resolveu mandar junto o irmãozinho mais novo dela, André. Era um garoto de 19 anos, com uma cara de moleque, incrível, muito vivo, alegre e comunicativo.

Claro que pelas circustâncias, ele acabou dialogando mais comigo, já que os outros dois estavam mais na deles. O calor era forte, todo mundo de short, calção.

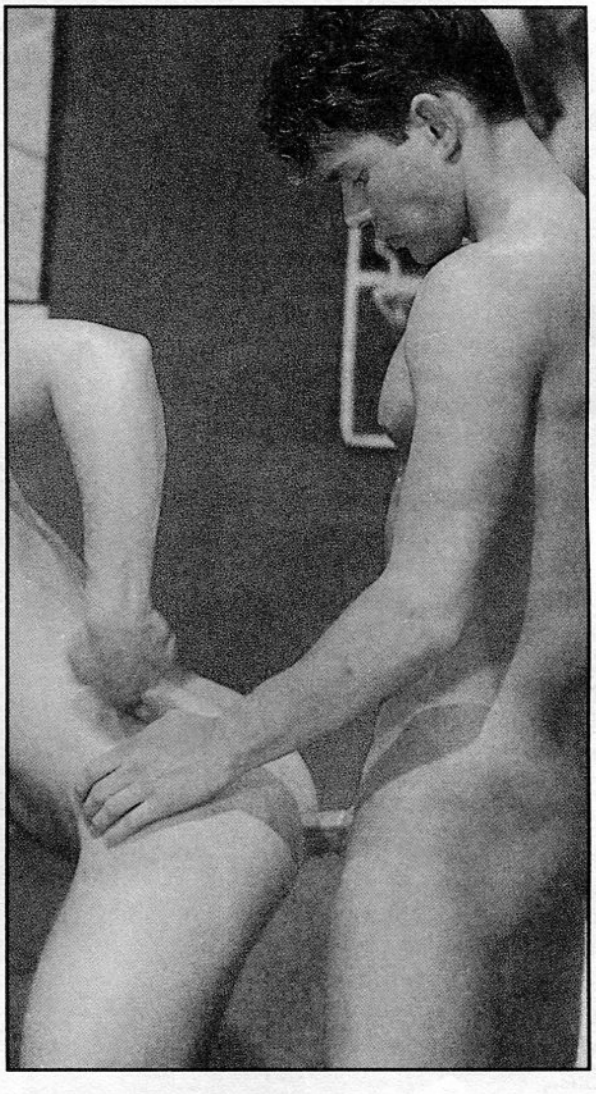
André usava um short bege todo esfiapado nas coxas, e deveria ter 1,70m, meio magrinho como sua irmã. Suas pernas, bem lisinhas e morenas, começaram a despertar em mim um estranho desejo. Sua bunda era redonda e durinha e estava me tirando do sério. Acho que ele notou meus olhares, mas apenas sorria e... provocava!

Sempre que possível, ficava bem próximo e de costas, comentando uma corrida de rallye que havia acontecido por ali. Por alguns segundos se encostava contra meu corpo, o que só aumentava minha vontade de sentir mais aquela bundinha. À noite, após muita bebida e som, chegou a hora de dormir, nossos irmãos estavam se curtindo dentro da barraca. Acomodamo-nos e nos cobrimos com uma coberta de casal.

Talvez o álcool tenha me encorajado, mas o fato é que estávamos próximos e fui insinuando minha mão, até senti-la tocar na sua bundinha. André não reagiu, até começou a se mexer um pouco, se aproximando mais... Com este sinal verde, passei a explorar suas coxas, suas nádegas, enquanto meu pau estava duríssimo. Só que não dava para exagerar, pois seríamos notados pelos outros dois. Foi quando ele se deitou de costas e minha mão passou a explorar sua barriga, seu umbigo, até finalmente sentir o seu pau. Estava tão duro quanto o meu e deveria ser do mesmo tamanho (16 a 17cm). Ele abriu o zíper e passei a masturbá-lo bem devagar. Logo senti o seu pau se inflamar mais e, soltando um gemido abafado, gozou em minha mão uma porra quente e bem grossa.

Acabamos dormindo, eu de pau duro e ele, satisfeito. Somente na noite seguinte é que eu tive o prazer de comer André. Fomos buscar mais lenha para a fogueira, nossos irmãos certamente estavam transando dentro da barraca. Apanhamos a lanterna, ele na frente e eu atrás, de olho na sua bunda. Ao nos afastarmos de perto do pessoal, não resisti mais e o abracei por trás. Foi tão súbito que ele ficou surpreso, mas apenas apagou a lanterna e deixou-me acariciá-lo à vontade, esfregando meu membro duro no seu traseiro. Enquanto eu o puxava pelos quadris, fui encostando-o contra uma árvore próxima; em seguida baixei o meu short e o dele (seu pau estava tão duro que foi até difícil!). Pediu-me para ser delicado, pois nunca havia levado vara. Ali mesmo, de pé, abri sua bundinha e, encostando a cabeça do pau no seu buraquinho, comecei a penetrá-lo. Ele gemeu um bocado, mas encostado contra a árvore, não houve saída. Forcei mais um pouco e fui então entrando completamente no seu corpo... foi mesmo incrível! Eu me movia, entrando e saindo, enquanto o acariciava, lambia sua nuca, suas orelhas, seus cabelos... como seu pau estava duro de tesão, não perdi tempo e comecei uma deliciosa punheta, bem lenta. Quando sentia que ele iria gozar, parava um pouco, e voltava de novo.. Ficamos assim uns cinco minutos, até que não houve mais jeito: ele, gemendo, gozou abundantemente enquanto eu me afundava ao máximo nele e gozava também! Quase perdemos o equilíbrio, pois estávamos em pé, a roupa enrolada nos pés...

Tempos depois meu irmão terminou o namoro e perdi o contato com André. Foi uma pena, mas valeu muito! Você, que está lendo este relato, e gostaria de estar no lugar dele, é só me escrever. Sou branco, somente ativo, 1,75m, 73kg, solteiro e bem financeiramente. Dou preferência a jovens lisinhos, até 25 anos e que sejam preferencialmente passivos, sem serem afeminados. Posso ser um grande amigo ou mesmo algo mais; se quiserem apenas trocar idéias, também aceito, é só escrever!
Alessandre, Caixa Postal 408, São Bento do Sul, SC, CEP 89290.



DESATANDO NÓS

Conheci Mariangela por acaso, ao sair de um restaurante na hora do almoço. Nossos olhares se cruzaram e percebi que ela tinha algo de diferente. Linda de corpo e rosto, pele alva, macia, perfumada, cabelos castanhos bem cuidados, longos, com um corte moderno, que lhe emprestava um charme especial. Aquela jovem era toda especial, mas tinha um olhar triste, demonstrando que carregava na alma uma decepção muito grande. Depois de encontrá-la no mesmo local e horário por quatro vezes, sempre trocando olhares, arrisquei a dirigir-lhe um discreto "bom dia". Ela apenas observou e piscou os dois olhos numa demonstração de surpresa.

Numa primeira ocasião que voltamos a nos ver, ela passou por mim, olhou e disse "oi". Foi suficiente para nos aproximarmos e iniciarmos um bom papo. Mariangela era bem mais jovem que eu, então pensei: o que faria aquela maravilhosa mulher ter amizade com um homem bem mais velho? Nossa amizade foi crescendo, nos tornamos mais íntimos e saíamos à noite para passear, jantar ou tomar um chopp. Não tardou muito para perguntar o que a atraiu em mim. Ela sorriu, não respondeu. Nos dias que se seguiram a pergunta voltava e a resposta era sempre a mesma.

Quando a convidei para ir ao motel pela primeira vez, notei que ficou nervosa. Seus olhos ficaram semicerrados, denotando algo que a amargurava. Mariangela chorou. Apoiei sua cabeça nos meus ombros, dediquei-lhe carinho e atenção e permiti que chorasse para desabafar. Ela me disse que procurou minha amizade por me considerar experiente, e assim solucionar seu problema. Que mistério carregava aquela linda mulher? Tive que ter paciência. Passaram-se dois meses até que fiz novo convite ao motel. Ela aceitou, mas colocou restrições. Deveríamos ficar vestidos e eu não deveria tocá-la até revelar seu problema.

Uma vez no motel, ela finalmente revelou: quando tinha oito anos, cheia de vida e alegre, observadora e já com noções sobre sexo, foi atraída por um vizinho, um rapaz de 29 anos, para um local deserto e a violentou. Ela então perdeu a alegria e tinha agora um trauma.

Ela queria um homem experiente, pois os jovens que se aproximavam só queriam arrastá-la para a cama e violentá-la. Isso fazia com que tivesse mais medo. Conversando com amigas, Mariangela ouviu histórias de sexo, prazer, orgasmo. A curiosidade a empurrava para o sexo, o trauma fechava uma concha para protegê-la. O conflito entre o prazer e o medo a aterrorizava e o medo lhe dava tanta força que nenhum homem conseguiu violentá-la. Prometi ajudá-la a desatar esses nós.

Com tato e paciência, voltamos ao motel várias vezes até que ela decidisse o momento de tirarmos a roupa. Na sétima ou oitava vez, trocamos um beijo sensual, prolongado, cheio de desejo. Senti seu corpo colar no meu, seus seios se apertaram em meu peito e senti seu coração bater descompassado. Sua respiração estava ofegante, seus olhos, fechados. Ninguém falou naquele momento, só o abraço apertado. Ela reuniu um fio de voz rouca e suave e disse:

—Ajuda-me, ajuda-me a desatar esse nó.

Comecei então todo um trabalho de preparação, primeiro dizendo que eram vários nós, uns atados pelos pais, outros pela sociedade, outros pelos falsos amigos e o pior, por um vizinho inescrupuloso. Somente com carícias e com muito amor, fui levando Mariangela a se soltar.

Certa noite no motel, deitamos nus e fui beijando seu corpo, acariciando seus cabelos, seios, e ela foi se entregando. Senti então que ao beijar-lhe os pés ela parecia um bebê acariciado pelo pai. Sorriu, murmurou palavras de desejo, amor. Beijei-lhe os seios, o que provocou uma forte onda de arrepio e contorções até então jamais experimentadas por ela. Beijei-lhe a gruta do amor com tanto carinho e aí ela teve o primeiro e enorme orgasmo. Nessa noite, ela se sentiu mulher e os nós foram desatados um a um, até que certa noite ela pediu a penetração. Após o ato, Mariangela disse estar contente com a vida, pois o trauma já era coisa do passado, mas o que lhe dava grande prazer e orgasmo eram os carinhos e os beijos.

Hoje ela é casada, vive muito bem com o marido e três filhos, em outro estado. Sempre que posso vou visitá-la e tenho grande amizade com o casal. O marido sabe de tudo e até me agradeceu por ter feito dela uma mulher, pois segundo ela, se os nós não fossem desatados, hoje seria uma pessoa fria, sexualmente desinteressada e sem amor para dar.

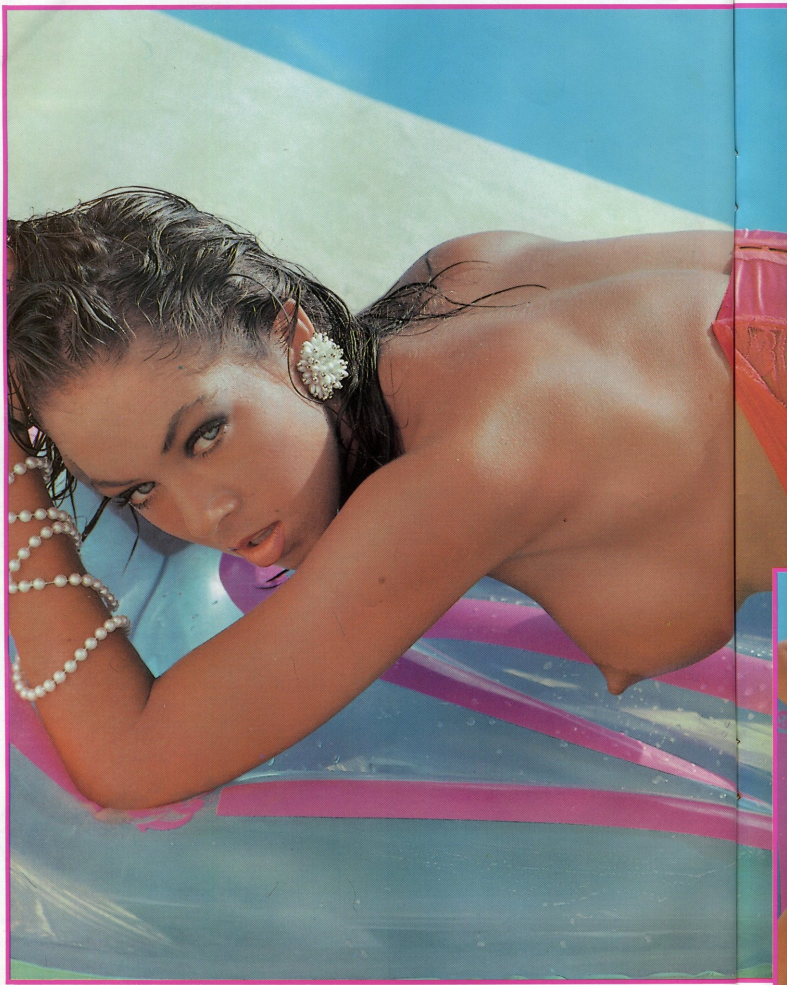
Mulheres que tenham nós e queiram ajuda e casais na mesma situação, escrevam.

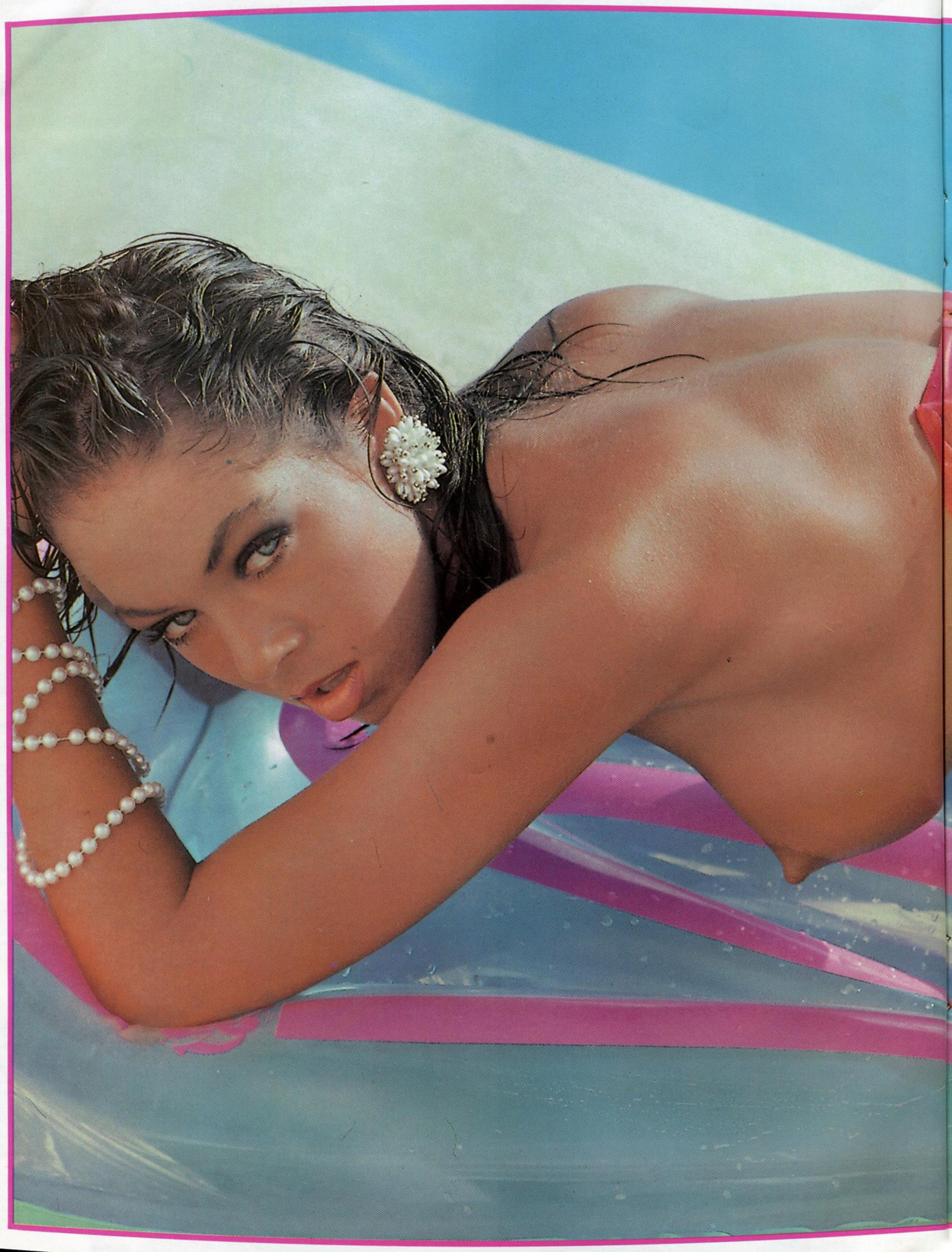
Jorge, Caixa Postal 45.381, São Paulo, SP, CEP 04010-970.

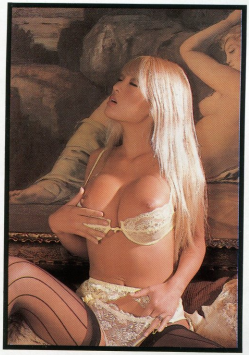
(continua na pag. 74)

KIN

A GAROTA DA CAPA relaxa o corpo de curvas provocantes, indiferente ao contraste que suas formas voluptuosas provocam envoltas pelo cenário alvo





NIK

Gosta de ouvir música clássica a todo volume, adora ambientes requintados e só transa se o cenário for bastante luxuoso. Realmente, NIK é uma garota bastante ambiciosa